



ANAIS

**XI Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

XI Colóquio Nacional Cultura e Poder

**X Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades
(LERR)**

2025

GT 2: MIGRAÇÕES E RELIGIÕES

LÍNGUA E CULTURA BALANTA: UMA ANÁLISE DE PRESERVAÇÃO DA ANCESTRALIDADE EM ESTUDANTES IMIGRANTES DA GUINÉ-BISSAU NO BRASIL

Antônio João Franco (UFMS PG)¹
Francesco Romizi (UFMS-PQ)²

2

Resumo: A língua Balanta é um dos principais meios de comunicação, convivência e transmissão de saberes culturais e memoriais nas famílias guineenses, conectando-se às memórias ancestrais africanas. Tradicionalmente ensinada de forma oral e transmitida de geração em geração, ela representa um elemento essencial da preservação cultural e identidade ancestral dos povos africanos, especialmente na Guiné-Bissau. Sua manutenção fortalece o vínculo entre os antepassados-ancestralidade e as novas gerações, garantindo a continuidade dos conhecimentos tradicionais. Nesse contexto, falar Balanta expressa um compromisso com a preservação cultural. No entanto, a aprendizagem da língua depende de fatores como o local de nascimento e a primeira língua de socialização do indivíduo. Diante desse cenário, este estudo busca analisar o perfil dos estudantes imigrantes no Brasil falantes e não falantes da língua Balanta, investigando as dinâmicas de transmissão linguística e as estratégias utilizadas para sua preservação.

Palavras-chave: Língua Balanta. Guiné-Bissau. Ancestralidade. Imigração.

INTRODUÇÃO

O presente artigo insere-se no campo dos estudos sobre línguas locais (maternas/nativas), com ênfase nos conhecimentos tradicionais. O problema da pesquisa, em andamento, que aqui estamos apresentando, surge a partir de uma inquietação pessoal: a falta de transmissão e vivência da língua Balanta no ambiente familiar, especialmente por parte dos pais, o que compromete sua continuidade geracional. Ou seja, a ausência do ensino da língua

¹ Graduado em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB. Graduando em Bacharelado de Antropologia pela mesma Universidade. Atualmente, mestrando em Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGAS/UFMS). E-mail de contato: joaofrancovi@gmail.com

² Doutor em Antropologia, Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (FACH/UFMS) e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFMS) da mesma universidade. E-mail de contato: francesco_romizi@ufms.br

ancestral, muitas vezes considerada dispensável nas áreas urbanas e cosmopolitas das capitais africanas, em particular em Bissau, contribuiu para que muitos descendentes de Balantas não falem sua língua materna/étnica. Diante disso, questionamos até que ponto as marcas deixadas pelo colonialismo na sociedade guineense influenciaram as oportunidades de aprendizagem das línguas ancestrais nos diferentes contextos sociais. Ademais, refletimos e perguntamos se a desvalorização do ensino dessas línguas no ambiente familiar impacta as múltiplas formas de pertencimento dos povos da Guiné-Bissau na atualidade. O objetivo da presente pesquisa é investigar e analisar a importância da língua Balanta na preservação da homônima cultura na Guiné-Bissau, destacando como a valorização e preservação das línguas maternas-étnicas contribuem para a continuidade das tradições, saberes e valores dessas comunidades.

De um ponto de vista metodológico, abordamos o papel da língua Balanta como veículo de transmissão de valores, tradições e conhecimentos culturais, pelo estudo de casos específicos de comunidades Balanta, em que a preservação da língua tem sido ou não fundamental para a manutenção da identidade cultural. Em particular, pretendemos: identificar os desafios e fatores que contribuem para o enfraquecimento da língua Balanta; avaliar a influência da língua portuguesa e outras línguas dominantes no enfraquecimento e marginalização da língua Balanta; e, por último, propor estratégias e políticas para a revitalização e valorização da língua Balanta, com ênfase no ensino e na transmissão intergeracional.

OS BALANTAS, ENTRE MODERNIDADE, ANCESTRALIDADE E ISLAMIZAÇÃO

Os Balantas, segundo relatos e estudos (Namone, 2020; Cammilleri, 2010), são um povo cuja origem remonta ao Saara Ocidental, na África. Entre os séculos X e XIV d.C., migraram devido à seca que afetou regiões como Etiópia, Sudão e Egito, em busca de um território que lhes proporcionasse abrigo e condições adequadas de sobrevivência. Durante essa jornada pelo continente, chegaram à Guiné-Bissau antes da chegada dos europeus. É importante destacar que a tradição oral sempre foi o principal meio de transmissão de conhecimentos e ensinamentos ancestrais entre os Balantas.

O idioma Balanta conecta o passado ao presente por meio das memórias dos antepassados africanos e é falado nas famílias guineenses até os dias de hoje. Ele desempenha um papel central na convivência e no compartilhamento dos saberes culturais e memoriais entre aqueles que possuem a mesma ligação ancestral. Assim, o recorte deste estudo

concentra-se na compreensão tanto dos efeitos da aprendizagem da língua Balanta, como nos da ausência de sua valorização como base de comunicação em Bissau, capital da Guiné-Bissau, e entre os estudantes desse país que se encontram no Brasil. Entendemos a relevância dessa língua como oriunda da necessidade de compreender as raízes culturais do povo Balanta e os desafios para a preservação de seus conhecimentos tradicionais e valores ancestrais, cujas implicações sociais influenciam todo o processo de inserção política dessa etnia. Dessa forma, sua importância política e social se manifesta na dinâmica cultural do grupo.

Importa salientar que quando se fala da língua materna na África, não se pode deixar de falar da tradição oral e do grande papel dos *djelis*, que eram os detentores desse tipo de conhecimento, no qual essa tradição é muito valorizada, tanto no cotidiano, como nas produções acadêmicas na África ocidental, principalmente nos locais onde houve grande influência. Ela está ligada às línguas vernáculas que esses povos apresentavam como as suas línguas do dia-a-dia; essas línguas são carregadas e ensinadas ao longo do tempo, nas famílias, de pai para filho, de mestre para aluno e de geração em geração, cujo objetivo é de fazer a criança ou indivíduo conhecer a sua cultura e adequá-la a ele ao mesmo tempo.

A grande maioria dos grupos étnicos africanos transmitem seu aprendizado através da oralidade. Há tradições orais em diversos segmentos dessas sociedades, embora existem, em alguns povos, castas em que as pessoas são formadas para contar histórias, e resguardar a genealogia, como é o caso do *djeli*. A função do *djeli*, na sociedade, é a de “ser depositário da palavra, essa é a matéria-prima de seu artesanato. [...] Eles resguardam a memória de muitas gerações, a tradição oral é a razão de existir dessa casta” (Santos, 2015, p. 162– 163).

Só que durante o processo de colonização, quando esses países foram invadidos pelos colonizadores, ocorreu um processo de deformação e de subjugação das suas culturas, que produziu grandes rupturas e levou vários países da África a terem grandes dificuldades em valorizar as suas próprias culturas e suas línguas. A desvalorização de suas culturas é o resultado de uma sistemática inferiorização das mesmas. Quando os colonizadores conheceram as línguas tradicionais, criaram uma ruptura com o modo de viver estabelecido, ao impor a sua própria língua. Esse processo de subjugação cultural, dado durante a colonização, é crucial no caso da desvinculação do indivíduo de sua língua materna.

Ngũgĩ wa Thiong’o (2018), em entrevista para Ngana Yéo, advoga que, se você conhece todos os idiomas do mundo e não conhece a sua língua materna ou língua da sua

cultura, isso é escravidão. Mas se você conhece sua língua materna ou língua de sua cultura e depois adiciona todas as outras línguas do mundo, incluindo línguas dos europeus, para ele, então essa situação é uma questão de relacionamento de tais línguas. Isso faz com que ele chame a atenção aos políticos africanos para pensar nas tradições orais, inclusive nas literaturas africanas como forma da própria África construir suas ideologias ou valorizar suas escritas e tentar se afastar das línguas dos europeus, pois essas são de colonizadores.

A ideia do autor leva a pensar a língua materna como uma forma da pessoa se inserir na própria cultura. Essa língua deve ser salvaguardada, tratada e mantida como pilar de comunicação nas comunidades africanas. Além disso, ela tem grande importância no que diz respeito à memória dos ancestrais africanos. Os três autores Ngũgĩ Thiong'o (2018), Amadou Hampaté Bâ (2010) e Boubacar Barry (2000) destacam as consequências da pessoa não estar ligada com sua língua materna, entre elas o fato do indivíduo se tornar oculto a sua cultura, à sua convivência, alguém anônimo na sua comunidade local ou numa escala global. Para isso, Hampaté Bâ (2010) afirma o seguinte: “Na África tradicional, aquele que falta à palavra mata sua pessoa civil, religiosa e oculta. Ele se separa de si mesmo e da sociedade. Seria preferível que morresse, tanto para si próprio como para seus ancestrais” (2010, p. 174). A falta à palavra, ou seja, uma mentira, e a ignorância da língua materna provocam esse ocultamento do indivíduo social, desconectado de suas raízes e suas realidades. “No entanto, - afirma sempre Hampaté Bâ (2010, p. 210) - é preciso dizer que, de um tempo para cá, uma importante parcela da juventude culta vem sentindo cada vez mais a necessidade de se voltar às tradições ancestrais e de resgatar seus valores fundamentais, a fim de reencontrar suas próprias raízes e o segredo de sua identidade profunda”.

Reencontrar o segredo de sua identidade profunda é importante para os jovens que buscam criar barreiras para a hegemonia ocidental. Tanto Thiong'o (2018), como Barry (2000) vão se alinhando à ideia de Hampaté Bâ (2010), sobretudo no que toca ao papel da oralidade e da escrita como processo de testemunhar a tradição oral. Eles vão destacando que o simples fato da pessoa nascer em uma família não lhe confere o conhecimento de sua língua materna ou língua de seus ancestrais. Isso tem a ver com a expansão da hegemonia ocidental, que quando chegou no continente africano fazia de tudo para extirpar as culturas africanas, para poder colocar suas ideias em ação, inclusive para implementar seu sistema de exploração, baseado numa ideologia de subjugação do outro não branco, aculturando o povo africano. Por fim, transformaram de forma genérica a ideia de que as línguas maternas desses povos são simples dialetos.

Barry (2000) advoga que os documentos escritos, nos dias atuais, são mais considerados do que os documentos da oralidade, mesmo que as tradições orais são entendidas como complemento da escrita. De modo que, esses documentos, da forma como são utilizados, buscam apagar a história das tradições orais; por conseguinte, ficam numa posição privilegiada. Nisso, se articulam duas ideias, a do Thiong'o (2018) e a do Barry (2000), com Thiong'o que chama esse processo de alienação colonial e com Barry que considera a não conveniência na valorização de dois campos de ensino, escrita e oralidade. Pois, por exemplo, “[...] os filhos de africanos vão ser obrigados a frequentar escola de brancos como forma de separá-los e distanciá-los de suas culturas” (Bâ, 2010, p. 211). À medida que as crianças se distanciam de suas culturas, são incentivadas a se aproximarem da realidade estrangeira. A alienação colonial apresenta duas formas, ligadas entre si: distanciar-se ativamente (ou passivamente) da realidade ambiente; identificar-se ativamente (ou passivamente) com o que é suficientemente estrangeiro a essa realidade. Ela começa a dissociar deliberadamente a língua da conceitualização, da reflexão, da educação formal, do desenvolvimento mental e a língua das relações diárias na família e na comunidade. É como se se separasse o corpo do espírito, para que estejam presentes na mesma pessoa duas esferas linguísticas separadas. Em nível social, é como se se produzisse uma sociedade de cabeças sem corpos e de corpos sem cabeças (Thiong'o, 2018, p. 100).

Na atualidade, pode-se ver a diferença que existe entre escola ocidental e o conhecimento que o indivíduo herda de sua ancestralidade pelos depositários de conhecimentos africanos, que vão sempre interagindo, às vezes chocando. A oralidade que antes sustentava a escrita, hoje é excluída por ela. Para que não exista essa supervalorização da escrita, Bâ (2010) e Barry (2000) trazem algumas questões muito importantes, relacionadas à articulação entre os conhecedores dos saberes tradicionais e das escolas ocidentais. Cada um desses espaços educativos tem sua forma de ensinamento: “Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é vivido, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser” (Bâ, 2010, p.189).

Os choques entre os espaços de educação ocidental e ancestral não se dão apenas pelos conteúdos aprendidos, como língua materna ou estrangeira, mas também pela forma que se aprende. O problema maior, no presente, está em que vivemos numa sociedade com diversas velocidades, onde três categorias de elite compartilham e disputam o campo histórico; aqui, encontramos: os historiadores de elite, formados na escola francesa que moldou o Estado moderno; os historiadores da elite pró-árabe, formada nos países árabes no

contexto do modelo muçulmano; e, por fim, os das elites tradicionais, que conservam seu saber com ciúme. A junção desses três saberes ainda não se deu e é isto o que, em parte, explica a crise do Estado pós-colonial, que quer impor uma identidade histórica comum num contexto social marcado pela pluralidade, que vive sua(s) história(s) a longo prazo (Barry, 2000, p. 33).

Em conformidade com Barry (2000), a divisão em três tipos de sociedade é um problema, ligado à dissociação das três categorias de elites que compartilham do mesmo campo histórico, sendo que uma se privilegia mais no processo colonial, uma se fixou na passagem da oralidade à escrita pelos letrados muçulmanos e uma se leva mais à questão das pessoas que contiveram os saberes tradicionais.

A tradição oral vinha a ser redescoberta pelos estudantes universitários africanos, historiadores letrados ou diplomados que foram formados pela escola ocidental e que tiveram o privilégio de entrar na política moderna no presente. São indivíduos que aprenderam a rejeitar a fala, como forma de testemunhar a história passada, e a valorizar mais a escrita como prova documental. Passando aos que formaram nos países Árabes, eles consideram o processo da islamização como forma de civilização, colocando a identidade dos povos africanos em foco no debate sobre endogenia. Contudo, na medida em que ocorre esse processo de transformação da mudança de comportamentos, ainda encontramos uma certa parcela de pessoas que não sabem ler e escrever em árabe. Por fim, temos os que conservaram os ensinamentos recebidos pelos seus ancestrais, que determinam que tudo que a gente aprende veio dos nossos antepassados por via oral; esse conhecimento tem sido passado de geração em geração com o intuito de conservar, guardar e memorizar os ensinamentos recebidos pelos depositários da tradição oral, como nos caso dos *djelis* e *griôs*.

De certa forma, esse estado de coisas nos faz pensar nas memórias, nas conexões e nos compartilhamentos de histórias dos *djelis* que conectam o passado e o presente das populações das regiões da África ocidental. Contudo, esses três tipos de sociedades ainda não se entenderam e as suas relações estão numa situação de difícil compartilhamento de saberes, sendo que cada uma busca uma única identidade, em detrimento das outras identidades e da possibilidade de construção de uma sociedade plural. Portanto, são complexas as questões políticas que envolvem a identidade dos povos africanos, e consequentemente, as formas em que os poderes vão sendo assumidos perante o povo. A tradição oral conseguiu passar de geração em geração e se pode estudar, hoje, nas universidades através dos documentos escritos.

METODOLOGIA

Com relação ao procedimento metodológico, a nossa pesquisa adota uma metodologia qualitativa descritiva, organizada em dois momentos. No momento atual, ela está sendo construída em forma de autoetnografia, tendo em vista a compreensão da realidade sociocultural do pesquisador. Aqui, a necessidade de delineamentos recai sobre o próprio sujeito de investigação, e consequentemente sobre a relação dessa subjetividade com outros grupos contemplados pela pesquisa. Na implementação desse método, nos apropriamos das contribuições da professora Fabiene Gama (2020) e José Guilherme Cantor Magnani (2009), que demonstram a importância dos estudos etnográficos/autoetnográficos, na busca de um melhor entendimento do indivíduo sobre sua experiência dentro da comunidade e da análise cultural.

Em particular, Gama (2020, p. 190) afirma que “na autoetnografia, (o pesquisador) reflete sobre sua própria experiência, ou a partir dela, para analisar questões da sociedade e/ou cultura à qual pertence” (Gama, 2020, p.190). Analogamente, Magnani (2009), aborda a necessidade de um estudo etnográfico como prática e experiência que serve para pensar o contexto urbano de uma determinada sociedade ou realidade; essa contribuição nos permite focalizar em dinâmicas socioculturais da sociedade Balanta, tanto no centro urbano de Bissau como no âmbito da comunidade acadêmica migrante, presente no Brasil. Se, por um lado, a autoetnografia nos permite esclarecer certas reflexões dentro da nossa comunidade; por outro, ela nos permite descrever essas reflexões ou experiências partindo da nossa própria concepção/cosmológica. Esta abordagem metodológica visa, primeiramente, compreender profundamente as práticas culturais dos Balantas e o papel da língua na manutenção dessas práticas, a fim de analisar o objeto de pesquisa.

Já, num segundo momento, desenvolveremos uma análise da história oral em forma etnográfica, utilizando as narrativas provenientes de entrevistas semiestruturadas, através do ato de olhar, ouvir e escrever, proposto por Roberto Cardoso de Oliveira (2000) e da etnografia virtual desenvolvida por Christine Hine (2011). Esse último recurso será utilizado com interlocutores residentes em alguns bairros da cidade de Bissau e famílias Balanta, por meio de entrevistas *online* pelo *Whatsapp*, *Google meet* ou outras ferramentas que possibilitem nossa interação/diálogo. No Brasil, trabalharemos com estudantes guineenses Balanta, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

(UNILAB), localizada entre os municípios cearenses de Acarape e Redenção, e na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em Campo Grande-MS. Faremos, nesses dois lugares, um estudo de campo, mergulhando mais na perspectiva de valorização ou de salvaguarda da tradição herdada por via oral (tradição oral) como fonte de memória ancestral que nos direciona a costumes e articulação das linhas intergeracionais.

Na visão de Jan Vansina (2010, p. 139), “um estudioso que trabalha com tradições orais deve compenetrar-se da atitude de uma civilização oral em relação ao discurso, atitude essa, totalmente diferente da de uma civilização onde a escrita registrou todas as mensagens importantes”. Nessa perspectiva, buscaremos analisar os processos que influenciam as pessoas a falar ou não a língua nativa, especificamente a língua Balanta, em diferentes locais-bairros de Bissau e no Brasil (UNILAB e UFMS). O estudo será estruturado em várias etapas principais, como a seleção da amostra, a coleta e análise de dados, entrevistas, além de considerações éticas. Por outro lado, ele advoga que, na tradição africana, o testemunho ocular é considerado de grande valor, sendo fundamental para assegurar a veracidade das informações, pois é a partir do testemunho direto que se adquire certeza sobre os eventos. Por outro lado, o boato não deve ser considerado um testemunho confiável, já que se baseia no que foi ouvido e não em uma observação direta. Portanto, destaca-se que,

Uma tradição é uma mensagem transmitida de uma geração para a seguinte. Mas nem toda informação verbal é uma tradição. Inicialmente, distinguimos o testemunho ocular, que é de grande valor, por se tratar de uma “imediate”, não transmitida, de modo que os riscos de distorção do conteúdo são mínimos. Aliás, toda tradição oral legítima deveria, na realidade, fundar-se no relato de um testemunho ocular. O boato deve ser excluído, pois, embora certamente transmita uma mensagem, é resultado, por definição, do ouvir dizer (Vansina, 2010, p. 141).

Embora Vansina descarte os boatos, reconhecemos que esses também podem ser relevantes, pois representam uma “verdade” para aqueles(as) que os recebem e os interpretam dentro de seu contexto. Se a lembrança trazida à tona pelo(a) entrevistado(a) é recuperada de sua memória, isso implica que, de alguma forma, ela representa uma realidade vivida. Portanto, nosso interesse recai sobre as realidades experienciadas em relação às línguas ancestrais e como essas percepções influenciam a forma como elas são valorizadas e preservadas.

No que diz respeito ao recrutamento dos/as participantes Balanta residentes na cidade de Bissau e no Brasil, que terão pela primeira vez contato com o tema da pesquisa, elaboramos um questionário com perguntas abertas relacionadas ao uso das línguas maternas na Guiné-Bissau. Este questionário será aplicado em diversas comunidades/Bairros, com o objetivo de coletar dados significativos sobre o papel da língua na identidade cultural e na transmissão de saberes. O questionário incluirá questões sobre os nomes completos dos interlocutores, suas etnias maternas e paternas, qual línguas falam, informações de contato, como telefone e endereços eletrônicos. O foco principal será, além de pensar, identificar estudantes Balanta, de forma mais ampla sobre o uso das línguas maternas em diferentes contextos sociais na Guiné-Bissau.

[...] o questionário “[...] refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”. Ele pode conter perguntas abertas e/ou fechadas. As abertas possibilitam respostas mais ricas e variadas e as fechadas maiores facilidade na tabulação e análise dos dados (De Oliveira, 2011, p. 37).

O nosso questionário será conciso, com respostas objetivas, de forma a garantir a viabilidade do trabalho; ele, pode ser pensado como um sistema de seleção e recrutamento dos indivíduos aptos e dispostos a participar da pesquisa. A partir desse estágio, daremos continuidade àquilo que é mais relevante para o desenvolvimento do projeto: as entrevistas semiestruturadas, que nos proporcionarão os dados necessários para alcançar as conclusões do estudo. Esperamos que essa abordagem seja consistente e apropriada para o progresso do trabalho. A seleção dos(as) participantes será realizada por meio de uma amostragem intencional, priorizando indivíduos com conhecimento ou não da cultura e língua Balanta. Os critérios de inclusão serão: 1.) Ser membro da comunidade Balanta; 2.) Ser fluente ou não na língua Balanta; 3.) Ter mais de 18 anos de idade.

Os dados coletados serão analisados por meio de técnicas de análise de conteúdo e análise temática. A análise de conteúdo consistirá na codificação dos dados em categorias temáticas, enquanto a análise temática buscará identificar padrões e temas recorrentes nas respostas dos participantes.

Este trabalho será conduzido em conformidade com os princípios éticos de pesquisa. Os participantes serão informados sobre os objetivos da pesquisa e fornecerão

consentimento informado por escrito. Garantiremos a confidencialidade e o anonimato dos participantes, assim como o direito de se retirarem do estudo a qualquer momento. Os questionários visam coletar suas experiências vividas desde a infância até os dias atuais, conforme a metodologia da História Oral de História de Vida (Lopez, 2008).

Eis as questões básicas para compreender os detalhes das experiências de vida desses interlocutores: Onde você nasceu? Onde cresceu? Era uma área urbana ou rural? Quem o/a criou? Seus pais, sua mãe, seu pai, avós ou outros familiares? Até que idade? Qual língua ou línguas essas pessoas falavam com você? Onde morava durante sua infância e adolescência? Em que idade começou a frequentar a escola? Qual escola você frequentou, era religiosa, pública, privada ou financiada por uma ONG? Frequentou mais de uma escola? Morou em mais de um lugar? Como eram suas aulas? Como era a experiência de levar esse conhecimento para casa? Em que língua você aprendia? Quanto à língua Balanta, o que o levou a não saber falá-la ou a falá-la? Frequenta a sua aldeia-tabanca? Fica em qual região-tabanca? Passou por rituais que antecedem o fanado? O fanado, já foi? Sabe dançar ou cantar alguma música em Balanta? É solteiro/a ou casado/a? Caso sim, que tipo de casamento realizou? Profere alguma religião? Caso sim, qual é? Católica, evangélica, muçulmana ou conserva as tradições herdadas dos mais velhos? Que tipo de prato gosta, ou seja, gosta de um específico da sua aldeia-tabanca? Tem algum costume ou tradição que você guardou?

DISCUSSÕES E RESULTADOS ESPERADOS

Não compreender os motivos de silenciamento da própria ancestralidade torna as pessoas reféns de outros sistemas, muitas vezes injustos com o que lhes parece mais seguro ou autoconfiante. Assim, justificamos o interesse em pesquisar o papel da língua na preservação da cultura Balanta na Guiné-Bissau e no Brasil, dentro do programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Portanto, como a nossa pesquisa está em fase de construção e análise, perspectivamos concluir a reflexão apresentada neste artigo assim que tivermos todos os dados já prontos; e demonstrar que a língua é mais do que um simples meio de comunicação; ela funciona como um repositório de tradições, valores e histórias. Por meio das palavras e expressões, são transmitidos conhecimentos ancestrais, práticas culturais, músicas, lendas e modos de vida que definem um povo. Quando uma língua enfraquece, um universo cultural corre o risco de desaparecer, levando consigo uma parte essencial da identidade coletiva. A língua também

desempenha um papel central na coesão social e na perpetuação das tradições, servindo como um elo entre diferentes gerações e permitindo que os mais velhos transmitam seus saberes e vivências aos mais jovens. Esse processo de transmissão é fundamental para a continuidade cultural, mantendo vivas as práticas e os valores que constituem o cerne de uma comunidade.

Nos últimos anos, tem sido observado um declínio no interesse e na proficiência das línguas maternas-étnicas, especificamente o Balanta, muitas vezes devido à predominância do português. Embora a globalização e o aprendizado de línguas estrangeiras sejam importantes para a integração e o progresso, é crucial que esse avanço não ocorra à custa das línguas locais. A perda de uma língua significa a perda de uma visão única do mundo e de uma forma distinta de interpretar a realidade. Essa reflexão nos leva a enfatizar a urgência de promover e valorizar o aprendizado das línguas maternas-étnicas nas escolas e comunidades. É necessário desenvolver políticas educativas e culturais que incentivem o uso diário e a transmissão intergeracional das línguas locais. Programas de imersão linguística, materiais didáticos adequados e o envolvimento ativo da comunidade são algumas das formas eficazes de reverter o processo de declínio linguístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a preservação das línguas é fundamental para a manutenção da diversidade cultural e o fortalecimento das identidades locais. Ao garantir que as línguas maternas-étnicas sejam aprendidas e valorizadas, estamos protegendo tanto as palavras quanto a essência e a continuidade das culturas que essas línguas representam. Dessa forma, o desenvolvimento deste trabalho impulsiona-nos a compreender a necessidade de aprender as nossas línguas maternas/nativas, colocando-as como um patrimônio imaterial indispensável, cuja preservação deve ser uma prioridade para todos aqueles que valorizam a riqueza e a diversidade da experiência humana. Por consequente, A recomendamos ou seja, esperamos que sejam implementadas políticas públicas que valorizem as línguas locais, como as línguas indígenas, quilombolas e as variantes regionais do português nas escolas e espaços culturais, como a criação de programas de ensino e imersão, além do desenvolvimento de materiais didáticos adaptados aos diferentes contextos. É fundamental capacitar educadores e líderes comunitários para preservar e ensinar essas línguas, promovendo sua transmissão intergeracional, e estabelecer programas de revitalização linguística, como clubes de línguas e atividades culturais. Outrossim, recomenda-se a inclusão das línguas maternas no currículo

escolar, especialmente nas primeiras etapas da educação básica, e a criação de campanhas de conscientização para sensibilizar a população sobre a importância da preservação das línguas e culturas locais. A valorização das línguas quilombolas, indígenas e outras variantes regionais também deve ser incentivada no espaço público e na mídia, promovendo um ambiente mais inclusivo e plural.

É igualmente importante incentivar a pesquisa acadêmica sobre línguas brasileiras, indígenas e quilombolas, promovendo intercâmbios entre pesquisadores locais e internacionais. O uso de tecnologias digitais, como aplicativos e plataformas, pode ser uma ferramenta importante para promover o uso dessas línguas, conectando as novas gerações ao seu patrimônio linguístico e cultural. Essas ações contribuirão para a preservação e valorização das línguas e culturas locais, garantindo sua continuidade, resiliência e fortalecimento dentro da diversidade cultural brasileira.

REFERÊNCIAS

- BÂ, Amadou Hampatê. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História geral da África**, v. 1. p. 167- 212, 2010.
- BARRY, Boubacar. **Senegâmbia**: o desafio da história regional. SEPHIS, 2000.
- CAMMILLERI, Salvatore. **A identidade cultural do povo balanta**. Edições Colibri, 2010.
- DE OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Universidade Federal de Goiás. Catalão–GO, 2011.
- GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, v. 2, n. 1, p. 188-208, 2020.
- HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Editorial uoc, 2011.
- LOPEZ, Immaculada. **Memória social**: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local. São Paulo; SENAC, 2008.
- MAGNANI, José G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, ano 15, n. 32, 2009.
- NAMONE, Dabana. **Educação tradicional e moderna na Guiné-Bissau e o impacto da língua portuguesa no ensino**: caso das crianças da etnia Balanta-Nhacra de Tombali. São Paulo, 2020.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**: olhar, ouvir e escrever. Brasília: Paralelo 15, São Paulo: editora da UNESP, 2000.

SANTOS, Toni Edson Costa. Negros pingos nos “is”: djeli na África ocidental; griô como transcrição; e oralidade como um possível pilar da cena negra. **Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 1, n. 24, p. 157-173, 2015.

THIONG’O, Nguggi. Uma tradução de Décoloniser l’esprit de Ngugi wa Thiong’o: A translation of Ngugi wa Thiong’o, Décoloniser l’esprit. [Entrevista concedida a Ngana Yéo. Rónai]. **Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, v. 6, n. 2, p. 93-102, janeiro/2018.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História geral da África**, v. 1, p. 139-166, 2010.

* * * * *